O LÉXICO TOPONÍMICO PELA VIA FILOLÓGICA: O ENTRECROZAR DE LÍNGUA, CULTURA E HISTÓRIA

RESUMO

O presente artigo apresenta uma breve reflexão acerca da relação entre língua, cultura e história, a partir da análise de topônimos encontrados em um texto notarial oitocentista. Nos fôlios do primeiro livro de atas da câmara de vereadores da cidade baiana de Tucano, datado de 1837 a 1876, estão presentes lexias referentes a rios, fazendas, freguesias, vilas, entre outros acidentes geográficos. A partir de uma análise filológica, mais precisamente de uma edição semidiplomática, destacamos os topônimos e os analisamos de acordo com os parâmetros metodológicos elaborados por Dick (1990). Sendo assim, com este trabalho, buscamos também destacar as relações, convergências e interseções entre os campos de estudo da Filologia e da Toponímia.

Palavras-chave: Filologia. Toponímia. Atas oitocentistas.

THE TOPONYMIC LEXICON VIA PHILOLOGY: THE CROSSING OF LANGUAGE, CULTURE AND HISTORY

ABSTRACT

The present article presents a brief reflection on the relationship between language, culture and history, from the analysis of toponyms found in a notarial text from the 800s. On the folios of the first minutes book of the City Council of the town Tucano (in Bahia), dated 1837 to 1876, there are lexis referring to rivers, farms, community areas, villages, among other geographic accidents. From a philological analysis, more precisely of a semi-diplomatic edition, we have highlighted the toponyms and analysed them according to the methodological patterns elaborated by Dick (1990). Thus, with this work, we seek to highlight the relationships, convergences and intersections between the fields of study of Philology and Toponymy.

KEY-WORDS: Philology. Toponymy. Minutes books from the 800s.

EL LÉXICO TOPONÍMICO DESDE LA MIRADA FILOLÓGICA: EL ENTRECIZAR DE LENGUA, CULTURA Y HISTORIA

RESUMÉN

Este artículo presenta una breve reflexión con respecto a la relación entre lengua, cultura y historia, desde el análisis de topónimos encontrados en un texto notarial ochocentista. En los folios del primero libro de actas del Consejo Municipal de Tucano, ciudad ubicada en Bahia, con fecha del 1837 al 1876, están presentes lexias referentes a ríos, fincas, pueblos, villas, entre otros accidentes geográficos. Desde un análisis filológico, precisamente de una edición semi paleográfica, ponemos de relieve los topónimos y los analizamos con base en los parámetros metodológicos elaborados por Dick (1990). Por eso, con dicho trabajo, buscamos también poner de relieve las relaciones, convergencias y intersecciones entre los campos de estudio de la Filología y de la Toponimia.

PALABRAS CLAVE: Filología. Toponimia. Actas ochocentistas.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Língua, história e cultura caminham sempre de mão dadas e, para conhecermos cada um desses aspectos, faz-se necessário mergulhar nos outros, pois nenhum deles caminha sozinho e independente. Portanto, o estudo da língua de um povo é, consequentemente, um mergulho na história e cultura deste povo. (ABBADE, 2006, p. 214)

Filologia, sumariamente falando, compreende a área do conhecimento que se dedica a analisar e explorar o texto, visando atingir ou se aproximar do que considera um texto fidedigno. Para alcançar esse objetivo, fazem-se necessários estudos referentes à língua, à história, à cultura e à sociedade em que o texto, objeto do estudo, foi produzido. Através das análises desses aspectos e da metodologia filológica, chegamos ao que geralmente denominamos como ápice do trabalho filológico: a reconstituição e edição de um texto. Já a Toponímia é a área de conhecimento, dentro dos estudos Onomásticos, que se dedica à análise dos nomes próprios de lugares e acidentes geográficos. Por que tal cidade possui tal nome? Por que aquele rio é assim denominado? As respostas para essas perguntas podem ser encontradas através de um estudo toponímico. Analisando as lexias - indo ao encontro de sua etimologia e sua história - consequentemente, chegamos à cultura e à sociedade que criou esses topônimos, sendo assim, podemos encontrar as motivações e as causas das denominações.

Vale salientar que o artigo ora apresentado é resultado da pesquisa intitulada *O patrimônio histórico-linguístico do Sertão dos Tocós: edição semidiplomática e estudo toponímico dos primeiros registros escritos do município de Tucano BA*, empreendida entre os anos de 2010 a 2012, no curso de Mestrado em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana. Sob orientação da professora Dra. Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz, realizamos uma pesquisa alicerçada em duas vertentes, a primeira pautada em paradigmas filológicos e a segunda em paradigmas toponímicos. Partimos da edição semidiplomática de

17 fólhos (15 escritos no recto e verso, 2 escritos apenas no recto – perfazendo o total de 32 páginas) do primeiro Livro de Atas da Câmara de Vereadores do município de Tucano, datado dos anos de 1837 a 1876. Posteriormente, destacamos os topônimos encontrados no documento e passamos a analisá-los à luz da metodologia de estudos toponímicos postulada por Dick (1990). Essa metodologia analisa o topônimo do ponto de vista motivacional com o intuito de classificá-lo de acordo com as 27 taxionomias. Fatores como a etimologia da lexia, a história e geografia do local, bem como características antropológicas e étnicas foram de extrema relevância para análises dessa natureza.

Encontramos no documento 33 topônimos, dentre nomes de vilas, freguesias, fazendas, rios, riachos, etc. Aqui trazemos esses topônimos, apresentando-os de acordo com suas taxionomias, e destacamos alguns para uma análise mais detalhada. Para alicerçarmos nossa análise, dedicamos uma parte substancial do presente artigo para tratarmos de reflexões teóricas acerca dos estudos léxico-toponímicos, bem como realizarmos um histórico desses estudos.

Vale adiantar que, ao longo da pesquisa, percebemos que esses dois, a Filologia e Toponímia, muito possuem de convergências, e intencionamos trazer à baila a relação entre estas duas áreas e seus entrecruzares.

2 ESTUDOS DO LÉXICO: ENFOQUE NA ONOMÁSTICA

Grosso modo, podemos definir léxico como o acervo de palavras de uma determinada língua. Vilela (1995, p. 13) o conceitua a partir de duas vertentes: a cognitivo-representativa e a comunicativa. De acordo com a primeira perspectiva, o léxico é “[...] a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística”, já na perspectiva comunicativa o autor o define como “o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si”. Numa perspectiva mais abrangente, trazemos Biderman (1981, p.138) com o seguinte conceito:

O léxico pode ser considerado como tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso, o léxico é o menos linguístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o linguístico e o extralinguístico.

Há basicamente três ciências que se atêm ao seu estudo: a Lexicologia - estuda o léxico de uma língua de forma geral, analisando suas estruturas, funcionamento, mudanças entre outros aspectos; a Lexicografia - ciência destinada à produção de dicionários; e a Terminologia - que estuda o léxico especializado, de uma dada área do conhecimento. Não obstante, possuem diferentes metodologias e pressupostos teóricos, esses ramos se complementam e às vezes se confundem.

Dentro dos estudos lexicológicos, encontramos a Onomástica ciência que se ocupa em analisar os substantivos próprios. Segundo o Lewandowski (1995), a palavra onomástica vem do grego e significa “el arte de dar nombre”. Em suas palavras é o “Estudio de los nombres. Conjunto o sistema de los nombres/nombre propios como objeto de investigación lingüística. Estudio (sincrónico o diacrónico) de los nombres propios (nombres de pila, apellidos, patronímicos, apelativos/motes).” Para ratificar a colocação da Onomástica no campo de estudo da Lexicologia, trazemos Dubois et al. (1998, p. 441) com a seguinte observação “[...] ramo da lexicologia que estuda a origem dos nomes próprios. Divide-se em *antroponímia* (que diz respeito aos nomes próprios de pessoas) e *toponímia* (que diz respeito aos nomes de lugar)” (grifo dos autores).

Já Leite de Vasconcellos traz outra subdivisão da Onomatologia (sinônimo de Onomástica), destacando, além da Toponímia e Antroponímia, a Panteonímia ou Polionímia. Vejamos um trecho de seus *Opúsculos*, Volume III:

Chama-se de *Onomatologia* o ramo da Glotologia que estuda os nomes próprios. Podemos nela considerar três partes:

1. *Antroponímia* (expressão que empreguei a primeira vez em 1887, na *Revista Lusitana*, 1, 45), ou estudo dos nomes individuais, como dos sobrenomes e apelidos;
2. *Toponímia*, ou estudo dos nomes de sítios, povoações, nações, e bem assim de rios, montes, vales, etc., - isto é, os nomes geográficos;
3. *Vários nomes próprios*, isto é, que não estão contidos nas duas classes procedentes, por exemplo, de entidades sobrenaturais, de astros, ventos, animais, de coisas (espadas, navios, sinos) [...] (VASCONCELLOS, 1931, p.3. grifo do autor.)

Baseado em Vasconcellos (1931), Guérios (2004, p. 19) também ressalta estas subdivisões ao observar que:

O estudo dos nomes próprios classificam-no primordialmente em *nomes de pessoas*, a que se dá o título de *Antroponímia* (expressão que pela primeira vez foi empregada em 1887 por J. L. de Vasconcelos na *Revista Lusitana*, I, 45), e em *nomes de lugares* ou *geográficos*, que se denomina *Toponímia* (nomes de nações, províncias, cidades, sítios, montes, vales, rios, etc). Ambas as secções formam a *Onomástica* ou *Onomatologia* — ciência dos nomes próprios, — a que J. L. de Vasconcelos acrescenta uma terceira parte — *Panteonímia* — isto é, estudo dos nomes próprios das entidades sobrenaturais, de astros, ventos, animais, de coisas (espada, navios, sinos, etc). Especificamente: *Teonímia* — estudo dos nomes de deuses e seres sobrenaturais; de *Zoonímia* — dos nomes de animais; de *Astronímia* — dos nomes de astros e símiles. Mais recentemente, introduziu-se a secção *Onionímia* — estudo dos nomes de produtos comerciais.

Em resumo, a Onomástica se ocupa da análise dos nomes próprios, sejam de pessoas - a vertente da Antroponímia - sejam de lugares ou acidentes geográficos - a vertente da Toponímia, e, como colocado por Vasconcellos (1931), a vertente de Panteonímia - nomes próprios de entidades sobrenaturais. E as análises de quem se interessa pelos estudos onomásticos devem levar em conta aspectos como classificações e etimologias, como bem observa Vasconcellos (1931, p. 460): “Estudar nomes próprios, é classificá-los segundo as fontes de que provêm, e explicar, quando possível, a origem de cada um.”

A importância dos estudos onomásticos não se restringe às questões apenas linguísticas, haja vista a relevância deste tipo de análise para aspectos relacionados a sócio história e cultura de uma dada comunidade. A respeito dessa questão, Vasconcellos (1931, p. 312) salienta que:

Ninguém porá um momento em dúvida a importância da Onomatologia. As invasões passam, os costumes modificam-se ou desaparecem, as condições físicas do solo variam, e contudo os nomes lá ficam muitas vezes, como marcos esquecidos, como sentinelas do passado, a revelar grande número de factos que de outro modo nos seriam inteiramente desconhecidos.

Outro aspecto importante a ser colocado no quesito relevância é a busca pela história identitária de um povo que encontra nos estudos onomatológicos um parceiro precioso, como bem destaca Vasconcellos (1931, p.312-313): “Há-de ser também pelo estudo da onomatologia lusitana que o problema das nossas origens étnicas se aclarará em parte [...]”. Vale lembrar que Leite de Vasconcellos contextualiza suas análises na história portuguesa, na busca pelas “origens étnicas”, mas como bem podemos supor, é uma constatação que se aplica a qualquer língua, principalmente à língua de um país com a riqueza étnico-cultural do Brasil.

Seguimos, então, pelos estudos onomásticos no Brasil, mais precisamente na vertente toponímica. Acerca desta relação, trazemos Dick (1990, p. 36) observando

que a “**Toponímia e Onomástica** acham-se, assim, em uma verdadeira ‘relação de inclusão’, em que aquela será sempre, desta, uma parte de dimensões variáveis” (grifo da autora).

3 TOPONÍMIA: BREVE PANORAMA

A palavra Toponímia provém da junção dos radicais gregos: *tòpos* “lugar” e *onoma* “nome”. Segundo Dick (1990, p. 19), é uma “[...] disciplina antiga, cuja significação começou a se delinear a partir do momento em que os núcleos humanos se distribuíram distintamente, em porções territoriais delimitadas, impondo-se a identificação das regiões que se iam ocupando [...]”. Essa observação já evidencia o caráter histórico, social e cultural que perpassa por esta ciência. Atualmente a Toponímia é considerada uma disciplina completa no que tange aos seus aparatos teórico-metodológicos e seu objeto de estudo – o topônimo.

A dinâmica de investigação deste campo de estudo parte da análise, comparação, interpretação e seleção de dados e, às vezes, chega-se à “[...] conversão das hipóteses em teorias” (DICK, 1992, p. III). A autora chama atenção para o fato de que

Apenas um trabalho sério de investigação, que se sabe demorado e constante, poder-nos-á levar à verdadeira causa denominativa e, talvez, num último passo, à intencionalidade do denominador, questões mais complexas em Toponímia, por envolver, como afirma o toponomista americano George R. Stewart, problemas que afetam, ou são condicionados pela psicologia humana, nem sempre de fácil apreensão (DICK, 1992, p. III)

Em geral, os estudos toponímicos são relativamente recentes. Podemos citar Auguste Longnon, como o primeiro a sistematizar a Toponímia como uma disciplina. Segundo Dick (1992, p. 1), por volta de 1878, este francês ministrou aulas na École Pratique des Hautes-Études e do Colégio da França, das quais nasceu a obra *Les noms de lieu de la France*, que foi publicada postumamente por seus alunos, no ano de 1917. Em 1922,

também na França, Albert Dauzat retoma os estudos de onomástica publicando, em 1937, o clássico *Les noms de lieux*. Este mesmo estudioso organiza um ano depois o “I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia”, desencadeando outros eventos e ações acerca desta temática, em nível internacional. Dentre esses eventos vale destacar a organização de uma “Sociedade Internacional de Toponímia e Antroponímia”, a criação de departamentos para elaboração de glossários toponímicos e a busca pela sistematização dos processos de pesquisa.

Partindo para o Novo Mundo, destacamos inicialmente os estudos de George Stewart, nos Estados Unidos, autor de livros como *Names of land* e *A classification of place names*. No Canadá, destaca-se o Grupo de Estudos de Coronímia e Terminologia Geográfica, que é associado ao Departamento de Geografia da Universidade de Laval, do Québec. Na América Latina, temos como um nome de destaque o antropólogo venezuelano Adolfo Salazar-Quijada, com sua obra *La toponímia en Venezuela*, de 1985.

Passando para os estudos no Brasil, iniciamos com a colaboração de Levy Armando Cardoso, com seu livro *Toponímia brasileira*. Outra obra de destaque e que ainda hoje contribui significativamente para os estudos toponímicos é o *Tupi na geografia nacional*, de Theodoro Sampaio. De Carlos Drummond temos a obra *Contribuição do Bororo à toponímia brasileira*, de 1965. E nos dias de hoje, temos como principal nome dos estudos toponímicos brasileiros Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick que, orientada por Carlos Drummond e baseada nos modelos teóricos de Dauzat, formulou os princípios de classificação dos topônimos através de suas causas motivacionais, publicando a tese *A Motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxenômicos*, em 1980. Como já colocado, é com base nessa autora que alicerçamos a metodologia de análise no presente trabalho. Segundo Dick (1994), os estudos toponímicos aqui no Brasil nascem no bojo dos estudos etnológicos, históricos e geográficos, e não com o *status* de disciplina autônoma, como hoje o é.

Atualmente uma gama de projetos vem sendo desenvolvidos em várias instituições universitárias brasileiras

com o intuito de pesquisar esse ramo de estudos onomásticos. Como principal projeto, destacamos o ATB (Atlas Toponímico do Brasil), encabeçado pela Prof^a Dr^a Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, que se constitui “[...] por uma ampla pesquisa que contempla estudos do léxico sob enfoques etnolinguísticos e antropoculturais em suas diversidades regionais”, destacando a relação homem, sociedade, língua e cultura. Segundo Carvalhinhos (2002/2003, p. 172), os estudos onomásticos no Brasil

[...] vêm justamente resgatando a história social contidas nos nomes de uma determinada região, partindo da etimologia para reconstruir os significados e, posteriormente, traçar um panorama motivacional da região em questão, como um resgate ideológico do denominador e preservação do fundo de memória.

Mais uma vez, a possibilidade de resgate histórico, através dos estudos toponímicos, vem à tona.

4 TOPONÍMIA E FILOLOGIA: PONTOS DE INTERSEÇÃO

As discussões em volta da classificação do signo linguístico como natural, convencional e arbitrário não são recentes. Desde a Grécia antiga, os filósofos, e posteriormente linguistas, se debruçam sobre essas questões. O signo toponímico não pode ser considerado como arbitrário em sua essência, porque há uma motivação que desencadeia a denominação de um determinado acidente humano ou físico. Sendo assim:

Muito embora seja o topônimo, em sua estrutura, como já se acentuou, uma forma de língua, ou um significante animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, **marcando-o duplamente**: o que era **arbitrário**, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente **motivado**,

não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo (DICK, 1990, p. 38. Grifos da autora).

Segundo Dick (1990, p. 38-39), há o que ela chama de “duplo aspecto da motivação toponímica”, são eles: a intencionalidade do denominador e a origem semântica da denominação.

Outra característica importante do topônimo é sua cristalização ao longo do tempo, alguns preferem o termo fossilização. Segundo Carvalhinhos (2002/2003, p. 173) a

[...] área toponímica pode ser comparada a um sítio arqueológico: podemos reconstruir, através do estudo de significados cristalizados de nomes de lugar, fatos sociais desaparecidos, contribuindo com material valioso para outras disciplinas, como a história, a geografia humana e a antropologia. Assim como um fóssil descoberto pela paleontologia, o maior ou menor grau de “descoberta” ou “achado valioso” depende da antiguidade do nome cristalizado em determinado momento da oralidade (termo utilizado: *cristalização*); Rostaing denominava *fossilização* o fenômeno. Descreve-se, assim, a tendência conservadora do topônimo.

Também podemos comparar a Toponímia com a Filologia, haja vista ambas possuírem como objetos, o texto e o topônimo, agentes que têm o poder de comunicação através do tempo. Consideramos a escrita como o registro “concreto”, o suporte da língua. Acioli (1994, p. 18) destaca que a escrita não é apenas um tipo de linguagem visual, mas também “[...] a explicação do processo do espírito humano, pois contribui para acumular e transmitir experiências que, antes de sua existência, se limitavam à tradição legendária”. Com seu surgimento, o homem pode se comunicar através do tempo, deixando à posteridade um legado precioso para o entendimento e explicação da realidade humana e de mundo. Assim como o texto escrito, os topônimos possibilitam a comunicação ao longo do tempo, vejamos:

[...] os topônimos se apresentam [...] como importantes fatores de comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da identidade por eles designada. Verdadeiros “testemunhos históricos” de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. Chega, muitas vezes, a se espalhar além de seu foco originário, dilatando, consequentemente, as fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica. (DICK, 1990, p.21)

Portanto, esses são dois portadores de informações históricas, sociais, culturais e, é claro, linguísticas. Outro ponto de intercessão entre estas duas áreas está na transdisciplinaridade presente nelas. Assim como a Filologia, a Toponímia também possui caráter transdisciplinar, haja vista sua relação com diversos outros campos do conhecimento.

5 TAXIONOMIAS TOPONÍMICAS

Como já colocado, este estudo do léxico toponímico tem como base para a análise o modelo taxionômico de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990). Essa autora, em sua tese de doutoramento, formula um modelo de classificação dos topônimos brasileiros, baseando-se nas prováveis motivações existentes para cada topônimo. Estas categorias encontram-se divididas em duas vertentes: topônimos de **natureza física** - Astrotopônimos (relacionados a corpos celestes), Cardinotopônimos (relacionados às posições geográficas), Cronotopônimos (relacionados às cores), Dimensiotopônimos (relacionados às características dimensionais dos acidentes geográficos), Fitotopônimos (relacionados à vegetação terrestre), Geomorfotopônimos (relacionados às formas

de relevo), Hidrotopônimos (relacionados às águas), Litotopônimos (relacionados a nomes de minerais terrestres), Meteorotopônimos (relacionados a fenômenos atmosféricos), Morfotopônimos (relacionados a formas geométricas), Zootopônimos (relacionados a animais) e de **natureza antropológica** - Animotopônimos ou Nootopônimos (relativos a aspectos psíquicos e culturais do homem), Antropotopônimos (relacionados a nomes de pessoas), Axiotopônimos (relativos a títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais), Corotopônimo (relacionados a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes), Cronotopônimos (relacionados a indicadores cronológicos, representados pelos adjetivos novo (a), velho (a)), Dirrematopônimos: (formados por frases ou enunciados lingüísticos), Ecotopônimos (relacionados à habitação), Ergotopônimos (relacionados a elementos da cultura material), Etnotopônimos (relacionados a grupos étnicos), Hierotopônimos (relacionados à religião de diversas culturas). Esta taxionomia se divide em outros dois tipos: Hagiotopônimos, relacionada a nomes de santos romanos e Mitotopônimos, relacionada a nomes de entidades mitológicas), Historiotopônimos (relacionados a movimentos, datas e membros de cunho histórico-social), Hodotopônimos ou Odotopônimos (relacionados aos caminhos de comunicação rural ou urbana), Numerotopônimos (relativos a numerais), Poliotopônimos (formados por palavras do tipo: vila, aldeia, cidade, etc), Sociotopônimos (relacionados a aglomerados humanos, movimentos histórico-sociais e atividades profissionais), Somatotopônimos (referente à metáforas usando parte de corpos de animais e humanos). Sendo assim, temos elencadas as 27 taxionomias levantadas por Dick (1992).

Vale salientar que nem todos os tipos foram encontrados no documento aqui analisado. Nos fólios edi-

tados, das 27 classificações, foram encontradas 16 taxionomias (5 de natureza física e 11 de natureza antropológica).

5.1 Topônimos presentes nas primeiras atas da Câmara de Vereadores de Tucano

Os topônimos encontrados no *corpus* deste trabalho abrangem tanto nomes de acidentes humanos (comarcas, vilas, fazendas e freguesias) como acidentes físicos (rio e riacho). Ao todo, encontramos 33 topônimos, desses **15 de natureza física**: Fitotopônimos (Buri, Cajazeira, Jeremoabo e Maçaranduba), Geomorfotopônimos (Baixa Grande, Barra Carrapatinho, Monte Santo e Serra Vermelha), Hidrotopônimos (Agoa Fria e Alagoinhas), Litotopônimos (Itapicuru e Itapicuru do Padre Gonçalo) Zootopônimos (Imnhambupe, Soure e Tucano); e **18 de natureza antropológica**: Animotopônimos (Bom Conselho, Contendas e Salgado), Antropotopônimo (Pombal), Axiotopônimos (Conde e Dona Maria), Dirrematopônimos (Mirandella) Ecotopônimos (Abadia e Mucambo), Ergotopônimo (Tanque), Etnotopônimo (Paiaia), Hierotopônimo (Curaçá), Hagiotopônimos (Santa Anna, Santa Theresa do Pombal e Santo Antonio do Tucano), Poliotopônimo (Tapera) e Somatotopônimos (Coração de Jesus do Monte Santo e Rabo de Arraia).

À guisa de demonstração, a seguir, apresentamos cinco exemplos de topônimos com algumas informações que consideramos relevantes, tais como, fac-símile do topônimo, a classificação taxionômica, a provável etimologia, trecho do contexto em que a palavra foi encontrada, entre outras. Destacamos que no texto da dissertação estas fichas encontram-se ampliadas com outros dados.

TOPÔNIMO: CONDE
ACIDENTE HUMANO: Vila	
TAXIONOMIA: Axiotopônimo	
ETIMOLOGIA: * sm. 'título de nobreza' XIII. Do lat. cōmes – itis cond ADO XVIII condESSA XIII. Do lat. Tardio comitissa. ** ETIM lat. comes, itis 'companheiro' [...] s XIVcôde, s XV quonde.	FONTE: * Cunha (2007), ** Houaiss (2001).
CONTEXTO: "2º A Comarca de Im- / nhambupe compreenderá a da Villa do seu nome, / a de Agoa Fria, e a do Conde ." (Fólio 4r, Linhas 23 a 25)

TOPÔNIMO: IMNHAMBUPE
ACIDENTE HUMANO: Vila	
TAXIONOMIA: Zootopônimo	
ETIMOLOGIA: * corr. <i>Ynhambú-pe</i> , nas perdizes. Bahia. V. <i>Inhambú</i> , <i>Inambú</i> (corr. <i>Y-nhã-bú</i> , a que corre a prumo, ou se levanta a prumo, a perdiz) ** Cidade da Bahia; provável alt. de inham-bupé, o nome da perdiz que aparece nos dicionários de Tupi com diferentes grafias: <i>inhapupé</i> , <i>nhuãpupé</i> , porém seu verdadeiro nome tupi deve ser, sem dúvida, <i>inambupeba</i> . *** Palavra indígena composta de <i>inhambu</i> (perdiz) + <i>pe</i> (caminho), significando "o caminho da perdiz".	FONTE: * Sampaio (1987), ** Tibiriçá (1985), *** Falcão (2001).
CONTEXTO: " [...] donde seguirá pela estrada velha do Tópo / da Catinga, que dirige para Imnhambupe , athé / o lugar denominado Dona Maria" (Fólio 4r, Linhas 1 a 3)	
GRAFIA ATUAL: Inhambupe

TOPÔNIMO: ITAPI-CURU / ITAPICURÚ
ACIDENTES FÍSICO E HUMANO: Rio / Comarca / Vila / Fazenda	
TAXIONOMIA: Litotopônimo	
ETIMOLOGIA: * - ita – elem.comp., do tupi i'ta 'pedra', que se documenta em inúmeros vocábulos do português de origem tupi: ibiraitá, itaibé, etc. ** Do do tupi <i>ita'pe-ku'ru</i> laje formada de cascalhos ou seixos; laje áspera, com protuberâncias. *** Itapé-curu, a laje formada de cascalhos ou seixos; a laje áspera, cheia de caroços ou protuberâncias; o conglomerado. Alt. Itapicurú, Tapecurú. Bahia, Maranhão. **** Itapicuru – rio da Bahia; de itapé - curu, laje enrugada, ondulada. ***** Palavra indígena derivada de ITAPÉ ou ITAPEBA (pedra chata ou laje) + CURU (seixo, cascalho) significando "laje com saliências, laje áspera", "laje ondulada, enrugada."	FONTE: * Cunha (1999), ** Houaiss (2001), *** Sampaio (1987), **** Tibiriçá (1985); ***** Falcão (2001).
CONTEXTOS: "Aos vinte cinco dias do mez de Maio de mil oitocentos / e trinta sette, nesta Vila nova Imperial do Tucano / Comarca da Vila do Itapicurú de cima, Província / da Lial, Valloroza Cidade do Salvador Bahia [...]" (Fólio 2r, Linhas 3 a 6); "Artigo 2º O Termo, e Freguesia da Villa de Sou- / re começará na Fasenda Buri inclusive aquem do Rio / Itapicurú seguindo por este abaixo [...]" (Fólio 3v, Linhas 21 a 23); "[...] e abrangêr a Fa- / senda , denominada – Itapicurú do Padre Gon- ç[al]lo [...]" (Fólio 3v, Linhas 7 e 8) "A Comarca de Itapicurú com- / preenderá á Villa de seo nome, e a de Soure, a de- / Jeremuabo, a de Monte Santo, a de Pombal, a do Tu- / cano, e a da Abadia. [...]" (Fólio 4r, Linhas 20 a 23)	
GRAFIA ATUAL: Itapicuru	
OBS: Esta palavra também aparece como sobrenome, ou seja, como antropônimo, em "José Dantas Itapicurú" (Fólio 2r, Linha 10.)

TOPÔNIMO: JEREMUABO
ACIDENTE HUMANO: Vila	
TAXIONOMIA: Fitotopônimo	
ETIMOLOGIA: * Etim. do tupi : yuru'mû 'jerimum' (1681) ** <i>Gerema-oabo</i> , as geremas a brotarem; renos de geremas. Pode ser também corrupção de <i>gerumú-oabo</i> , as abóboras nascendo; a vazante, ou plantação de abóboras. Bahia. *** Cid. da Bahia; de <i>jurumú-aba</i> , abóbora aberta, abóbora partida.	FONTE: * Houaiss (2001), ** Sampaio (1987), *** Tibiriçá (1985).
CONTEXTO: "A Comarca de Itapicurú com- / preenderá á Villa de seo nome, e a de Soure, a de- / Jeremuabo , a de Monte Santo, a de Pombal, a do Tu- / cano, e a da Abadia." (Fólio 4r, Linhas 20 a 23)	
GRAFIA ATUAL: Jeremoabo

TOPÔNIMO: TUCANO
ACIDENTE HUMANO: Vila	
TAXIONOMIA: Zootopônimo / Etnotopônimo	
ETIMOLOGIA: * sm. 'ave da fam. Dos ranfastídeos' 1587, <i>tucána</i> c 1584 Do tupi <i>tu'kana</i> . ** ETNOL. 1 indígena pertencente a qualquer dos grupos tucanos. 2 Família linguística betóia. 3 Língua dessa família, falada pelos tucanos, arapaços e miritis tapuias. 6 grupo indígena que habita no noroeste do Amazonas (Áreas indígenas Alto Rio Negro, Médio Rio Negro I, II, Médio Rio Negro II, Pari Cachoeira I, II, Taracuá, Uneixi, Yauaretí e II e Reserva Indígena do Balaio) (2782) *** corr. <i>Tu-quã</i> , o bico que sobrepuja, o bico exagerado. Pode ser corrupção de <i>tu-can</i> , o bico óseo. Batista Caetano. É nome de ave conhecida (<i>Rhamphastus</i>). **** Cid. da Bahia; de <i>tucano</i> , conhecido pássaro (do tupi <i>tucana</i>)	FONTES: *Cunha (2007), **Houaiss (2001), *** Sampaio (1987), **** Tibiriçá (1985).
CONTEXTO: “Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e trinta e sete, aos vinte e seis dias do mês de Maio do dito anno, nesta Imperial Villa do Tucano [...]” (Fólio 3r, Linhas 3 a 6).	
OBS: A primeira vista, Tucano pode ser classificado um zootopônimo, se considerarmos que o que motivou esta denominação tenha sido a ave da família dos ranfastídeos. Outra possibilidade de classificação é como um etnotopônimo se considerarmos que a origem do nome provém da tribo indígena dos índios tucano. Porém, ao analisarmos as questões geográficas e históricas da região não encontramos argumentos precisos para alicerçar nenhuma dessas duas hipóteses. Há uma terceira hipótese relacionada à questão de cunho fonético, porém não tivemos elementos fortes, sejam históricos, geográficos ou linguísticos, para classificar este nome de forma mais precisa. Como a análise deste trabalho parte do ponto de vista etimológico, escolhemos classificá-lo duplamente em zootopônimo e etnotopônimo.	

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a Filologia e a Toponímia possuem não só características comuns, como possíveis interdependências. Os topônimos, assim como os textos, possuem o poder da comunicação através do tempo. Sabemos que com o texto escrito o homem pode se comunicar, registrando os acontecimentos, descobrimentos, sensações, invenções, sentimentos, histórias... Ou seja, deixando à posteridade um precioso legado para a compreensão da realidade humana e de mundo. Esta mesma característica pode ser encontrada em um

topônimo, que traz em seu bojo a visão de mundo do denominador, visão esta que abarca aspectos sociais, históricos e culturais.

Através de todos os estudos realizados para o presente trabalho, atestamos que os topônimos, assim como o texto, fazem uma ponte entre o passado e o presente, perpassando pela cultura da sociedade que os criou/produziu.

Como bem colocado por Oliveira e Isquerdo (2001, p. 9, grifos nossos):

[...] o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos de cultura”.

Verticalizando para o estudo toponímico, trazemos Andrade (2006, 193) destacando que um trabalho de natureza toponímica “[...] constitui um caminho possível para o conhecimento do *modus vivendi* e da cosmovisão das comunidades linguísticas que ocupam um determinado espaço”. E como destaca Vasconcellos (1931, p. 150): “O estudo da toponímia dá origem a muitas observações psicológicas (imaginação do povo no denominar), históricas, etc.” Esse conhecimento se faz possível porque o signo toponímico traz em si diversos aspectos fossilizados de questões sociais, culturais, antropológicas, psicológicas, religiosas, políticas, linguísticas, entre outras, da comunidade que o produziu. Como se pode notar, o estudo desse aspecto linguístico coaduna perfeitamente com os objetivos propostos numa pesquisa de natureza filológica e aliar essas duas áreas de conhecimento favorece a constatação da intrínseca relação entre língua, cultura e história.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina M. de Souza. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da C. R.; QUEIROZ, Rita de C. R. de; SANTOS, Rosa B. dos (Org). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006 p. 213-225.
- ACIOLI, Vera L.C. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: FUNDAJ Editora Massangana; UFPE, Editora Universitária, 1994.
- ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins – Projeto ATITO*. 2006. 207f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- AZEVEDO, Antonio Carlos Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMT, 2001.
- _____. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de filologia e linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. p. 131-144.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1963.
- CARVALHINHOS, Patrícia de J. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal) *Revista USP*, São Paulo, n 56, p. 172-179, dez, fev. 2002-2003. Disponível em: < <http://www.usp.br/revistausp/56/20-patricia.pdf>> Acesso em: 02 nov. 2010
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 5. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1999.
- _____. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- _____. *A. Toponímia e antroponímia do Brasil: coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.
- _____. Toponímia e línguas indígenas no Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo. v.8 n.22 sept./dec. 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340141994000300059&script=sci_arttext&lng=en> Acesso em: 02 nov 2011.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral; ISQUERDO, Maria Aparecida; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Atlas toponímico do Brasil: recortes regionais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 5, 2007, Pampulha. *Caderno de Resumos*. Pampulha: UFMG, 2007. p. 826-829.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- FALCÃO, Márlcio F. Pelosi. *Pequeno dicionário toponímico da Bahia*. Fortaleza: Gráfica Santa Helena, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GUÉRIOS, R. F. Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 5. ed. São Paulo: Artpress, 2004.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- IBGE. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. Vol. XX e XXI
- ISQUERDO, Aparecida Negri. *O nome do município*. Um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia sul-mato-grossense. 2009. Disponível em: <<http://www.revistaprolingua.com.br/wp-content/uploads/2009/07/aparecida-negri-isquerdo.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2011.
- LEWANDOWSKI, Theodor. *Diccionario de lingüística*. Madrid: Catedra, 1995.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1995. Vol. 5
- _____. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. 3 ed. 3v. Lisboa: Confluência e Livros Horizontes, 2003.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Tomo II (Nomes próprios). Rio de Janeiro, 1952.
- OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMT, 2001.
- SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. 5. ed. corrigida e aumentada. São Paulo: Editora Nacional, 1987
- TIBIRIÇÁ, *Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi*. São Paulo: Traço Editora, 1985.
- VASCONCELLOS, J. Leite. *Opusculos: Onomatologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931. Vol. III
- VILELA, Mário. *Léxico e gramática: Ensino de língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática*. Coimbra: Livraria Almedina, 1995.

O AUTOR

Bárbara Bezerra de Santana Pereira é Possui graduação em Letras Vernáculas (2004), Especialização em Estudos Linguísticos (2007) e Mestrado em Estudos Linguísticos (2012), todos pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Atualmente, cursa Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo. É professora assistente da Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, Jacobina